

## APROXIMAÇÕES: O ENSAÍSMO LITERÁRIO DE ANTONIO CANDIDO À LUZ DE MÁRIO DE ANDRADE\*

### APPROACHES: THE LITERARY ESSAYS OF ANTONIO CANDIDO SIDE BY SIDE OF MÁRIO DE ANDRADE

Vinícius Victor A. Barros<sup>1</sup>

**RESUMO:** À luz das especificidades do gênero ensaio, discutimos as aproximações e os contrastes possíveis entre a prática ensaística e a crítica literária de Antonio Candido e Mário de Andrade. Argumentamos que algumas características essenciais do ensaio estão presentes em importantes produções dos autores e que vão para além das simples inserções de recursos estéticos de linguagem aos procedimentos de análise crítica. Procuramos evidenciar que o caráter ensaístico da crítica literária de Antonio Candido, especialmente, provém de uma extensa e sinuosa tradição que, no Brasil, começa a tomar força no romantismo e se consolida no modernismo, com lugar de destaque para a produção de um dos seus maiores intelectuais: o poeta e, também, crítico literário Mário de Andrade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido. Mário de Andrade. Ensaio.

**ABSTRACT:** Side by side with the specificities of the essay genre, we discuss the approximations and possible contrasts between the essayistic practice and the literary criticism of Antonio Candido and Mário de Andrade. We argue that some essential characteristics of the essay are present in important productions of the authors and that they go beyond the simple insertion of aesthetic resources of language to the procedures of critical analysis. We seek to show that the essayistic character of Antonio Candido's literary criticism, especially, comes from an extensive and winding tradition that, in Brazil, begins to gain strength in romanticism and is consolidated in modernism, with a prominent place for the production of one of his works greatest intellectuals: the poet and also literary critic Mário de Andrade.

**KEYWORDS:** Antonio Candido. Mário de Andrade. Essay.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Literários, PPGLL-UFG/CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9445180194072983>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3342-3312>. E-mail: [victorbarros.adm@gmail.com](mailto:victorbarros.adm@gmail.com).

\*Artigo recebido em 30 de agosto de 2022 e aceito para publicação em 30 de outubro de 2022.



## À guisa de preâmbulo: o crítico e o poeta

No Brasil, especificamente, a crítica literária dialética encontra nas figuras de Antonio Candido e Roberto Schwarz dois de seus maiores expoentes. Ambos os autores, ao longo de décadas de reflexão, elaboraram um ângulo de visão particular que propôs repensar as complexas mediações entre as formas de representação artística e a sociedade. Em outras palavras, a visada posta em prática por esses críticos consistia em afirmar o primado da forma do objeto, buscando *pari passu* estabelecer o seu substrato social na própria obra literária – algo que não é óbvio, muito menos fácil de se pôr efetivamente em prática. Essa posição metodológica de análise e interpelação da literatura e suas relações com a realidade, inédita no país até então, foi elaborada e exposta tendo a assimilação da forma ensaística como linguagem fundamental. No que concerne especificamente a figura de Antonio Candido, uma de suas preocupações centrais foi estabelecer um alcance democrático para a sua produção intelectual, algo que, conforme demonstraremos, veio na esteira dos intelectuais modernistas, em especial sob o signo da influência de Mário de Andrade.

Tanto em Antonio Candido, quanto em Mário de Andrade, a prática do ensaísmo foi capaz de aliar o rigor do pensamento crítico a uma escrita singular que se faz notar, dentre outras coisas, pelos fortes traços autorais e, principalmente, pela simplicidade e comunicabilidade – isso, contudo, sem cair em qualquer tipo de reducionismo ou simplificação dos assuntos a serem tratados. Como resultado, a crítica literária no sentido defendido e praticado por Candido, por exemplo, almejava ser compreendida tanto por leitores especializados, quanto por alunos e diletantes – o que, em boa medida, talvez, justifique o fato do crítico costumeiramente ser lembrado não apenas por sua extensa e importante contribuição à pesquisa na área da literatura, mas também pela formação de outros tantos intelectuais comprometidos com a popularização do ensino e o adensamento da reflexão crítica nos mais diversos segmentos do conhecimento.

Este empenho de popularização do conhecimento se traduz no esforço de Candido em expressar, com o máximo de clareza possível, o complexo do conceito e da teoria. Tal vocação, fruto de extenso trabalho e estudo, assume muitas vezes, conforme observa Arrigucci Jr. (1992, p. 185), a dimensão de um importante ato político, haja vista que em contexto social como o brasileiro, com poucos possuindo acesso à cultura e a educação de qualidade, “a retórica da complicação do discurso pode funcionar como instrumento de dominação política ou da mais solene mistificação”. Em Antonio Candido, a



reconhecida dimensão empenhada de popularização do conhecimento difere largamente da figura do intelectual isolado em sua “torre de marfim” que contempla o mundo exterior, em atitude de indiferença e distanciamento a qualquer compromisso com os desafios sociais.

O ato político que envolve o engajamento na democratização do saber, aliada a peculiaridade de uma exposição crítica livre de amarras dogmáticas, bem como a marca de certo tom íntimo de oralidade, permite aproximar o ensaísmo da maneira como foi praticada por Candido à produção de alguns dos intelectuais e artistas que estiveram à frente do modernismo brasileiro. Lembramos, em especial, a proximidade à escrita e ao pensamento de um dos maiores expoentes do movimento: Mário de Andrade. Intelectual esse cuja vastíssima produção se caracterizou, dentre diversos outros motivos, por ressoar, no mesmo tom, certo compromisso com a popularização do conhecimento e da cultura e uma refinada proposta estética de vanguarda literária. Para além disso, Mário de Andrade foi poeta inovador, professor de música, turista aprendiz, pesquisador da cultura popular brasileira (coordenou, entre 1935 e 1938, o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo) e, por fim, grande crítico de arte. Dentre essas profícuas atividades, o polímata reuniu um sem-número de escritos, ocasião em que se destaca o caráter ensaístico de seu pensamento e de sua exposição – algo que pode ser interpretado, na chave da época, como uma, das várias, subversões do escritor à norma estabelecida, que primava pelos longos, exaustivos e empoados tratados científicos.

Os textos propriamente ensaísticos de Mário de Andrade, embora cubram uma porção de temas, como podemos verificar, por exemplo, em *A escrava que não é Isaura*, de 1925, interligam vertentes distintas da produção intelectual do autor. Desse modo, as questões da crítica de arte e da literatura confluem, na obra do autor, para uma percepção capaz de integrar a composição estética e a consciência social, tema esse que será desenvolvido em *Aspectos da literatura brasileira*, de 1943, e que também está na raiz da crítica literária de Antonio Candido. Assim, a escrita ensaística de Mário, lhe permitiu uma imprecisão metodológica fecunda, entretanto, há de se pontuar, trata-se de uma imprecisão que não implica em abandono ou mesmo anarquia do método de análise que, por sua vez, foi sempre preciso, sofisticado e voltado para reconhecimento da potencialidade política da arte inerente ao projeto estético do movimento modernista.

Em Mário de Andrade, essa disciplina para com a análise das obras de arte, em especial a literatura, não se deu senão com muito aprimoramento da consciência técnica. De modo que o poeta desenvolveu uma intensa e co-



erente atividade que o distanciou, em certa medida, dos seus companheiros de modernismo e o aproximou do grupo de jovens intelectuais que surgiam no contexto da Universidade de São Paulo no decênio de 1930, entre eles Candido. Vale a pena lembrar que essa aproximação não ocorreu sem atritos. Na mordaz concepção do próprio poeta a seriedade acadêmica do grupo de jovens intelectuais era de “maciça sensatez”, “burrice lenta e grave dos Paulistas” (ANDRADE apud DUARTE, 1985, p. 200) – algo que viria a ser endossado por Oswald de Andrade que, a respeito do excesso de seriedade desse grupo de acadêmicos, cunhou uma alcunha para defini-los: “os chato-boys”.

Seja como for, Mário foi escolhido por Antonio Candido e seus companheiros para apresentar o primeiro número da revista de cultura *Clima*, justamente por ser ele um autor que concretamente viveu e tematizou as dificuldades afetivas, intelectuais e políticas de uma geração de críticos que não se acomodou com a harmoniosa estabilidade de princípios e métodos definidos, e sim na atualização crítica constante, afastada de qualquer convicção repetitiva e autorreferenciada. Tema esse que direciona o ensaio “Elegia de abril”, publicado em maio de 1941, na revista e que faz uma forte autocrítica do papel dos intelectuais brasileiros na sociedade, em especial, da geração do próprio Mário de Andrade (2002, pp. 208-209), que assevera: “nós éramos uns inconscientes”, e arremata provocando, “amontoados nesta minerva (minerva ou mercúrio?...) da fase dos simpatizantes, não houve mais ignorância nem diletantismo que não se desculpassem de sua miséria, como se a arte, por ser social, deixasse de ser simplesmente arte”.

Dito de outra maneira, Mário reafirma sua confiança “na potência moralizadora da técnica”, pois, para ele, é no compromisso com a técnica, com o método, que se define uma conduta capaz de livrar o artista e o intelectual de quaisquer formas de conformismo: “se o intelectual for um verdadeiro técnico da sua inteligência, ele não será jamais um conformista” (ANDRADE, 2002, p. 216). Resta, portanto, discutir em que medida a técnica de análise e a liberdade ensaística se relacionam e se completam, tanto no crítico Antonio Candido, quanto no poeta Mário de Andrade e quais as possíveis influências desse sobre aquele.

## O ensaísmo literário como uma “suposta” herança modernista

Para Arriguicci Jr. (1992, p. 183), a suposta “herança” do modernismo, capitaneado por Mário, na produção intelectual de Candido pode parecer inesperada à primeira vista, uma vez que o crítico pertence à geração da década de 40, caracterizada principalmente por uma formação universi-



tária rigorosa e que já não encontrava seus modelos naqueles intelectuais de outrora, apesar de todo o contato e reverência que pudessem ter, por exemplo, com o próprio Mário de Andrade, Oswald de Andrade ou Sérgio Milliet.<sup>2</sup> Curiosamente, porém, “o traço oral da linguagem dos ensaios de Candido parecem dar continuidade a uma literatura, como a modernista, que se construiu muito mediante a imitação da fala [...] apropriando-se de torneios da língua coloquial” (ARRIGUCCI JR., 1992, p. 184). Dessa maneira, assim como as produções literárias e as investigações críticas dos principais nomes do modernismo brasileiro, os ensaios de Candido também são marcados por uma prosa calcada na linguagem oral e com origem na conversa culta, sem afetação, tributária do diálogo e da conversação respeitosa com o interlocutor – que, por sua vez, é sempre incentivado a contribuir à construção do argumento.

Para Ligia Chiappini (1999, p. 59), a concepção de ensaio de Candido, aberta e rigorosa, assim como na aula, parece nascer de uma profunda intuição – aperfeiçoada na longa prática da pesquisa e da docência – de que, “para lidar com textos e pessoas, é preciso combinar razão e sensibilidade, empatia e distância, afirmação e dúvida, concentração com alguma dispersão, direito à palavra com direito ao silêncio”. Por isso, tanto o ensaio crítico como a aula, são praticados por Candido como um trabalho consequente e responsável, que não abre mão da objetividade como esforço, da busca pela verdade por intermédio do debate e da beleza das ideias. Algo que também foi uma atitude de referência de Mário de Andrade quando, na juventude, por seu talento musical e habilidade didática, a um só tempo rígida e descontraída, foi convidado a lecionar Teoria Musical no Conservatório Dramático e Musical da cidade de São Paulo.

De volta ao ensaio, no Brasil, o gênero só ganha expressividade de fato com a popularização dos folhetins e periódicos no século XIX. Nessa época, o texto ensaístico passa a integrar um espaço de ampla receptividade do público leitor, tornando-se indispensável para a divulgação de ideias, de textos de criação literária e de análises das mais variadas. Alexandre Eulálio (1989, pp. 25-26) confirma o importante papel dos periódicos, especialmente para a crítica literária, na popularização de ideias e do texto ensaístico que “através de contato direto e constante com o público letrado, do qual ao

---

<sup>2</sup> Vale destacar também a figura de Gilda de Melo e Sousa que, além de grande ensaísta e filósofa, foi casada com Antonio Candido e prima de Mário de Andrade, com quem morou dos 12 anos de idade até se casar. Portanto, desnecessário pontuar a relação de intimidade entre o crítico e o poeta modernista. Mais detalhes sobre essa relação ver *A palavra afiada* (2014), da própria Gilda de Melo. Outro ponto interessante de aproximação pessoal de Candido com os próceres do modernismo é a relação, de idas e vindas, é verdade, do crítico com Oswald de Andrade – de quem chegou a ser padrinho de um dos filhos.



mesmo tempo acompanha e dirige o gosto, essa prosa será o veículo mais direto para a decisiva oralização da língua literária”. Décadas mais tarde, o ensaio participará ativamente do processo de Independência do país, atuando como veículo privilegiado para a veiculação do pensamento liberal, além de se fazer presente na ordem do dia da crítica literária de teor nacionalista que tanto marcou as produções de nossos escritores e intelectuais românticos.

Já ao início do século XX, o ensaísmo se estabelece definitivamente como meio característico para a exposição de ideias de uma nova geração de intérpretes e pesquisadores que procuravam discutir as peculiaridades sócio-históricas do país. Nas palavras de Antonio Candido (2000b, p. 113), “é característico dessa geração o fato de toda ela tender para o ensaio”; prova disso é o surgimento de importantes nomes e obras do chamado “ensaísmo social brasileiro”, como Paulo Prado e *Retrato do Brasil* (1928), Gilberto Freyre e *Casa-Grande e Senzala* (1933), Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil* (1936), apenas para citarmos alguns nomes importantes. Além desses intérpretes do Brasil, os intelectuais expoentes do modernismo, a exemplo dos já citados Mário de Andrade e Oswald de Andrade, também incorporaram em suas produções literárias o viés de pesquisa e reflexão que se popularizava pelo país.

Nesse sentido, o contexto de surgimento e afirmação do modernismo é bastante conturbado e está intimamente relacionado aos desdobramentos do modo e do meio utilizado para se pensar o Brasil da época. Trata-se de um período marcado por fatos como: as manifestações sociais dos decênios 1910 e 1920; o intenso diálogo dos intelectuais com as vanguardas europeias; a contestação dos sistemas técnicos e teóricos de viés estruturalista que já não davam conta das especificidades da cultura produzida no país, dentre outros acontecimentos. Esse agitado contexto sociohistórico, marcado pela renovação de ideias e pelo engajamento político, contribuiu para que o ensaísmo de um intelectual como Mário de Andrade se desenvolvesse lado a lado à sua prática poética. É o que se pode notar facilmente no “Prefácio interessantíssimo” presente em *Paulicéia Desvairada*, publicado em 1922, ocasião em que o autor explora as potencialidades do texto ensaístico recorrendo à organização fragmentária de citações e versos junto à uma rebuscada reflexão estética que reivindicava ao modernismo a liberdade de criação poética face à imposição de métodos prévios (ANDRADE, 2013, pp. 63-73) – algo que, guardado os devidos contextos e objetivos, pode ser lido também nas formulações teóricas de Adorno (2012, p. 19), que nos lembra a “alergia” do ensaio a qualquer tipo de “obtusos espírito dogmático”.



Para João Luiz Lafetá (2000, p. 158), Mário de Andrade vai além: ele “não se preocupou simplesmente em expor a teoria de sua prática, mas fez questão de que a teoria fosse, ela mesma, vazada na forma – entende-se: na linguagem – que procura justificar e explicar”. Isso justifica, em boa parte, a recusa do intelectual modernista ao apego com as explicações teóricas e ao uso indiscriminado dos conceitos e terminologias nas ocasiões em que se propunha a refletir sobre as particularidades estéticas da literatura e a realidade social brasileira. Assim, somente o texto ensaístico seria capaz de oferecer a liberdade necessária para uma exposição que se preocupa tanto em debater a teoria e as implicações conceituais imanentes do objeto abordado, quanto a própria prática de trabalho intelectual e o desenvolvimento dos argumentos.

De acordo com Ligia Chippini (1999, p. 59), assim como a aula de Candido “é escrita, acabada e, ao mesmo tempo, oral e aberta ao improviso, seu ensaio é completo e claro em si mesmo”, ainda assim seu texto também é “elíptico, seletivo, inconcluso e aberto à produção de novas relações e novos significados propostos pelo leitor”; trata-se, para a autora de um “pensamento em processo, que está sempre examinando, Tateando, tentando, retomando”. Em Candido, para além de mero recurso de exposição e construção dos argumentos, a “alergia ao dogma”, conforme propõem o programa adorniano (cf. ADORNO, 2012), constitui ainda uma posição crítica ante a complexa e nunca imediata relação entre a Literatura e a Sociedade; um jogo difícil entre análise e síntese, buscando o equilíbrio para nem amarrar excessivamente os fios do pensado e do escrito, engessando o sentido, nem afrouxá-los demais, deixando-os escapar” (CHIAPPINI, 1999, p. 59). Roberto Schwarz também aponta para o sentido adogmático do ensaísmo de nosso crítico, ao dizer:

Até onde vejo, Antonio Candido nunca foi fanático de conceitos, nem aliás de métodos. No seu trabalho a acuidade estética e a reflexão histórica pesam mais que a teoria abstrata, a qual qualificam segundo a circunstância. Sem prejuízo da bibliografia atualizada, a relação independente com as inovações conceituais de Europa e América do Norte é um dos segredos da sua inteligência crítica (2019, p. 264).

Como se vê no “Prefácio à terceira edição” de *Literatura e Sociedade*, de 1965, Antonio Candido (2000a, p. 1-2) buscou sempre desenvolver um método crítico que fosse a um só tempo estético e histórico, afim de evitar o ponto de vista “paralelístico” que separa os aspectos sociais da sua perti-



nência com relação ao estético da obra. Trata-se de uma “crítica integradora” pensada com o intuito de mostrar, e não apenas enunciar teoricamente, de que maneira as obras se constituem a partir de “materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser” (CANDIDO, 2010a, p. 9). A partir desse processo, denominado pelo autor anos mais tarde de “redução estrutural”, os dados externos ao objeto literário são pensados em relação a maneira com que o artista os configura e pelo modo com que esses mesmos dados passam a atuar tanto na organização da obra como no esclarecimento da própria realidade.

A preferência por compreender a “interpretação em funcionamento”, assim como a forma do ensaio propõem, implica em pensar à mercê das variações do próprio objeto, com maior atenção à plausibilidade da exceção do que à da regra, no que diz respeito à autoridade de um método delimitado. A diferença, o inquietante, as oscilações particulares do objeto artístico, aquilo que escapa das discussões doutrinárias em si, não são apenas consideradas pela crítica de Candido; tais singularidades assumem, na maioria das vezes, lugar de destaque na interpretação das complexas relações entre Literatura e Sociedade. É o que se percebe, por exemplo, em dois famosos ensaios de análise literária publicados pelo autor na década de 1970: “Dialética da malandragem” (1970) e “De cortiço a cortiço” (redigido em 1973). Ensaios nos quais seus roteiros, “com suas etapas muito diversas, cujo encadeamento é sempre uma surpresa”, talvez seja mais elucidativo do que “a indicação dos seus conceitos principais” (SCHWARZ, 2019, p. 265).

Retomando brevemente, em “Dialética da malandragem” (1970), Candido inicia o ensaio discutindo diretamente a recepção crítica de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida. O crítico constata que uma linha dessas recepções, orientada por leituras pouco atentas de um estudo de Mário de Andrade, advoga que a obra pertenceria ao gênero do romance picaresco. Ao contrastar semelhanças e diferenças com a tradição picaresca, Candido observa que o fator decisivo para abandonar tal caracterização é a diferença de princípio estruturante do romance com relação à picaresca que se dá por diversos fatores. O protagonista Leonardo Filho será visto, então, não como um pícaro da tradição europeia, mas como um autêntico malandro – figura histórica que, segundo Schwarz (1989, p. 131), sintetiza: a) a dimensão folclórica universal do trickster e a dimensão folclórica local de um Pedro Malasarte; b) um clima cômico datado – o pe-





ríodo regencial e produção jornalística satírica; e c) uma intuição profunda de movimento de um extrato específico da sociedade brasileira à época (os homens livres e pobres).

A partir da análise das ações e da caracterização de Leonardo Filho, Candido observa a existência de oscilações entre as esferas sociais da ordem e da desordem, cujas idas e vindas do herói atuam também no movimento que vai da parte (o personagem) à totalidade (o livro). “Se o protagonista for assim, é de esperar que o livro, tomado no conjunto, apresente a mesma oscilação de algumas analogias e muitas diferenças em relação aos romances picarescos” (CANDIDO, 2010b, p. 21). Trata-se de uma análise em sentido dialético que observa nas páginas das Memórias a formalização estética dos elementos históricos e sociais ao seu redor. Dizendo o mesmo noutras palavras, em “Dialética da Malandragem” (1970), Candido identificou o princípio mediador que organiza em profundidade, e a um só tempo, tanto os dados da ficção, quanto os dados do real, sendo, assim, parte essencial dos dois planos – do Rio de Janeiro oitocentista e da estrutura formal da obra.

Esse achado crítico, além de incidir luz nova sobre a tradição de interpretações do romance, também atesta a congruência entre aquilo que há de melhor da crítica literária de Antonio Candido e as potencialidades oferecidas pela forma do ensaio, gênero sob o qual foi concebido o estudo das Memórias. Em “Dialética da malandragem” (1970) o modo como os argumentos são expressos e se organizam entorno da estrutura textual, bem como o encadeamento da sequência lógica das ideias, que obedecem a arrojados movimentos de avanços e digressões ante ao tema proposto, são indícios de como a forma ensaística é aproveitada por Candido. Outro exemplo importante é a recusa às soluções aceitas a priori (a filiação ao romance picaresco) ou comandadas pela autoridade de um método qualquer (a tradição de leituras estritamente estruturais ou sociológicas), em prol de uma solução até então inédita (o malandro e a dialética da ordem e desordem). O ensaísmo de Candido, portanto, identifica as perguntas que o próprio texto literário emite, propondo novas indagações e redirecionando tais questionamentos às experiências com o mundo. As respostas a tais indagações não procuraram fundamentar suas hipóteses em postulações definitivas e perenes, pois, conforme observa a definição de Massaud Moisés (2012, p. 613), o campo de ação do ensaio “é o livro pensamento, sujeito em contínuo reexame, aberto a novos ensaios” a fim de funcionar “como etapa de uma busca que constitui a própria natureza e a de todo saber que se pretenda convivente”.



## À guisa de epílogo

Para Célia Pedrosa (1994, p. 80), as dúvidas e inquietudes encontradas na postura e na produção de Mário de Andrade “são talvez a mais importante aprendida na leitura dos textos de Candido”. Isso se dá porque, ao longe dela, o leitor se vê “seduzido” pela expressividade e exemplaridade de uma crítica que aponta para além da individualidade do intelectual por trás do texto, mas também sua perspectiva social e política. Organizandose em função dessa “dupla perspectiva”, Célia Pedrosa (1994, p. 81) nos diz ainda que, tanto a escritura de Candido, quanto a de Mário, se impõe como gesto simultaneamente firme e flexível, de definição e questionamento, “é daí mesmo que advém sua força sedutora – proporcional a sua capacidade de revelar ou sugerir lacunas, ambiguidades e contradições inerentes a toda atividade vivida e pensada como aventura”.

Na obra dos autores, portanto, sobressai a motivação que implica a tentativa de compreender as várias posições e configurações possíveis do objeto literário, sempre com liberdade e prudência – o que é, essencialmente, ensaístico. Instrumento crítico por excelência, o ensaio avança por tentativas, experimentações e tateios, deixando-se guiar pela imaginação crítica do autor; assim, a procura de novos ângulos de desvendamento, avançando sobre o já dado, corresponde a um impulso ao mesmo tempo experimental e inquiridor na demanda do conhecimento. Nessa direção, o ensaísmo praticado por Candido e Mário guia-se, em maior grau, por uma relação dialética entre o instinto e a experiência, do que necessariamente por um conjunto de regras estritas, sem, contudo, desprezá-las quando bem assente. Em entrevista a Manuel da Costa Pinto (2002, p. 1), Candido, por exemplo, reafirma esta inclinação à uma espécie de leitura intuitiva, pois acreditava que “o crítico muito estrito em matéria de teoria e método acaba tendendo a tratar apenas as obras que se enquadram nos seus pressupostos”; diz ainda que “o espírito analítico depende de uma inclinação natural do convívio com certos textos, além das oportunidades de receber influências diretas ou indiretas”.

Em “Lembrança de Mário de Andrade”, do livro *O observador literário* de 1959, um dos raros momentos em que Candido se debruça mais sobre a personalidade do poeta modernista do que propriamente sobre sua produção, o crítico ressalta alguns aspectos da inteligência e do trabalho de Mário que merecem ser pontuados. Aspectos esses que, se não estivermos forçando a nota, podem ser colocados lado a lado com as práticas e concepções do próprio crítico literário. Diz Candido (2008, p. 91) que Mário, “possuindo da inteligência uma concepção ao mesmo tempo alta e simples, via nela um ins-



trumento de revelar beleza e servir ao próximo, condicionando, entretanto, por técnicas pacientes e habilidosas, hábitos metuculosos e regulares”. Para nosso crítico, o poeta modernista “tinha o culto da solidariedade humana e só se entenderá a sua obra levando isso em conta”; possuía o “desejo de se realizar com autenticidade, o de servir, usar a inteligência, num espírito por assim dizer público” (CANDIDO, 2008, p. 92). Nada mais próximo, então, da prática, da conduta e da dimensão do pensamento de Antonio Candido.

Não é preciso ir mais longe para se verificar como os autores encontraram no ensaio a forma privilegiada de exposição dos seus pensamentos e de suas visões de mundo solidárias e humanistas. Para além da simples inserção de recursos estéticos de linguagem aos procedimentos de análise, o ensaio potencializou a essência crítica de dois espíritos essencialmente “do contra”, acostumados a se posicionarem firmemente na contramão de qualquer tipo de moda e tendência redutora. Assim, o senso do relativo e a flexibilidade para evitar o ponto de vista único, buscando sempre a crítica integradora; a procura pelas mediações nada evidentes entre o assunto a ser tratado e o concreto da realidade; a precisão e clareza da prosa, capaz de tratar dos assuntos mais complexos em termos simples, sem incorrer em rebaixamentos; o respeito à natureza imanente do objeto, suas contradições, instabilidades e regras de composição, enfim, são todas características que fazem do ensaio, nas mãos desses mestres, uma prazerosa e produtiva deambulação crítica face à marcha forçada da produção em série do conhecimento.

## Referências

ADORNO, T. W. O ensaio como forma. *In*: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2012. p. 15-46.

ANDRADE, M. Prefácio Interessantíssimo. *In*: ANDRADE, Mário de. **Pauliceia Desvairada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 59-76.

ANDRADE, M. Elegia de abril. *In*: ANDRADE, M. **Aspectos da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002. p. 207-220.

ARRIGUCCI JR., D. Movimentos de um leitor. *In*: D’INCAO, Maria Angelo; SCARABÔTOLO, E. F. (org.). **Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992. cap. Crítica e Ensaio, p. 181-204.

CHIAPPINI, L. Um mestre no ensino e no ensaio. *In*: AGUIAR, Flávio (org.). **Antonio Candido**: Pensamento e militância. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Humanitas/FFLCH/USP, 1999. cap. Perfis de Antonio Candido, p. 52-60.



EULÁLIO, A. O ensaio literário no Brasil. **Língua e Literatura**, São Paulo, ano XIV, v. 17, p. 9-54, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114000>. Acesso em: 19 out. 2021.

CANDIDO, A. Crítica e Sociologia. In: CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000a. p. 1-16.

CANDIDO, A. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000b. p. 101-126.

CANDIDO, A. Lembranças de Mário de Andrade. In: CANDIDO, A. **O Observador Literário**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008. cap. Terceira parte, p. 91-95.

CANDIDO, A. Prefácio. In: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010a. p. 9-14.

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010b. p. 17-48.

DUARTE, P. **Mário de Andrade por ele mesmo**. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

LAFETÁ, J. L. As poéticas da juventude. In: LAFETÁ, João Luiz. **1930: A crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. cap. A consciência da linguagem (Mário de Andrade, I), p. 153-157.

MOISÉS, M. O ensaio. In: MOISÉS, M. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 595-622.

PEDROSA, C. O medo e a viagem. In: PEDROSA, C. **Antonio Candido: a palavra empenhada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. cap. 1- Um homem do seu tempo, p. 66-82.

PINTO, M. C. A vocação crítica de Antonio Candido. **Revista Cult**, São Paulo, 11 set. 2002. Entrevistas, p. 1. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/vocacao-critica-de-antonio-candido/>. Acesso em: 27 out. 2021.

SCHWARZ, R. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: SCHWARZ, R. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 129-156.

SCHWARZ, R. Sobre Antonio Candido. In: SCHWARZ, R. **Seja como for: Entrevistas, retratos e documentos**. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 264-269.

